



## por Mário Vieira de Carvalho, musicólogo

Filipe de Sousa nasceu no Maputo, a 15 de Fevereiro de 1927. Fez os seus estudos musicais no Conservatório Nacional, tendo-se diplomado em piano (classe de Abreu Mota) e Composição (classe de Croner de Vasconcelos). Ao mesmo tempo licenciava-se em filologia Clássica pela Faculdade de Letras de Lisboa.

Em 1975 obteve o diploma de chefe de orquestra na Staatsakademie de Viena, com Swarowsky, no termo de uma bolsa de estudos que lhe permitiu trabalhar também em Munique com Mennerich e F. Lehmann e em Hilversum com Alberto Wolf. Para além da sua actividade como pianista, a quem se ficaram a dever numerosas audições portuguesas de obras de Bartók, Hindemith, Stravinsky, Schoenberg, Alban Berg, Milhaud, entre outros, e como compositor, em cuja produção se salientam a *Suite de Danças* para orquestra (1954), a *Sinfonietta* (1956), e uma numerosa obra para canto e piano, Filipe de Sousa, que se apresentou ainda como chefe de orquestra em Portugal e no estrangeiro, tem chamado a si uma importante missão: a da investigação sistemática da música portuguesa antiga, conduzindo à recuperação de várias obras-primas cujo paradeiro se desconhecia. A sua formação clássica e cultura literária são ainda componentes determinantes da personalidade do artista, que conta entre os seus poetas favoritos (e por isso os musicou) Rilke, Jean Moréas, Sebastião da Gama, Fernando Pessoa e seus heterónimos, Camilo Pessanha, Orlando de Carvalho, Manuel bandeira, Schiller, Garcia Lorca, Langston Hughes, Paul Éluard, etc..

Nos *Dois Sonetos de Camilo Pessanha* (1950), a simples introdução de um desenho de três colcheias no piano (lá# - si - lá#), somando-se a duas outras (fá# - sol#) até então imutáveis no acompanhamento, concentra em breve episódio um movimento por graus conjuntos (encetado na dominante) que responde, por inversão, a um movimento semelhante de mínimas encetado, de início, na tónica. Esse acontecimento semantiza-se no golpe de vento a desfolhar as rosas, como se explicitará logo a seguir na frase vocal. A interrogação “Em que cismas, meu bem?” estiliza-se numa “melodia da fala” que sobe de tensão num movimento ascendente para a dominante, culminando em “As Vozes” (“Porque me calas / As vozes com que há pouco me enganavas?”). A textura harmónica altera-se radicalmente, torna-se instável, ao mesmo tempo que o já referido motivo de mínimas, até então no baixo, passa a sobressair na voz superior do acompanhamento. A esta mudança musical corresponde no poema a transição do plano da observação e do diálogo com a

natureza e com “o outro” para o plano ad introspecção: a harmonia marcha “sem norte” como na imagem do poeta (“castelos doidos! Tão cedo caístes!... / Onde vamos, alheio o pensamento, / De mãos dadas?”). O retorno à natureza e ao diálogo repõe o campo harmónico inicial. A neve cai... “Em redor do teu vulto é como um véu!” - a exclamação, tensa de paixão, arranca na dominante, no registo agudo e desce depois suavemente para a tónica. Depois, é como se o universo parasse: o movimento perde velocidade, suspende-se. Fica no ar a resposta (fecho na dominante - a Halbscluß da terminologia germânica) a interrogação: “Quem as esparze - quanta flor! - do céu, / Sobre nós dois, sobre os nossos cabelos?”. Entretanto, a persistência, do princípio ao fim, do motivo recorrente de mínimas onde se salienta sempre de novo o efeito descendente de *si*, *lá#*, *sol#*, é naturalmente a contrapartida sonora de uma imagem poética várias vezes repetida: caem pétalas, cai neve, caem os “castelos doidos”...

A coerência músico-dramatúrgica do trabalho do compositor, que, como decorre deste esboço de análise, não enjeita nem dissimula, antes assume, quando o julga conveniente, a herança clássica da harmonia funcional como parte integrante do seu pensamento musical moderno, tem ainda expressão na unidade de concepção de cada um dos ciclos de poemas. Escritos respectivamente sem *si* maior e *sib* menor, com conclusão na dominante, métrica a 3/2 e configuração melódica aparentada, os Dois Sonetos de Camilo Pessanha constituem um díptico incindível .

Nota: Este texto foi escrito para ilustrar um disco compacto - Portugalsom, Filipe de Sousa (1927), Lisboa, Strauss - Música e Vídeo -, e foi posteriormente publicado na Revista de Cultura (edição do Instituto Cultural de Macau), nº. 26 (II Série), Janeiro/Março de 1996, número dedicado quase exclusivamente à música; na revista o artigo é um de três sobre “Três compositores e a Poesia de Camilo Pessanha”, sendo os dois outros compositores evocados Simão Barreto e Fernando Lopes-Graça;